F. DE MATOS RODRIGUES
Ten-Coronel-Médico

OS AZULEJOS SETECENTISTAS DO CONVENTO DE BRANCANES EM SETÚBAL ACTUAL B.S.S.

1987

OS AZULEJOS SETECENTISTAS
DO
CONVENTO DE BRANCANES
EM SETÚBAL
ACTUAL B.S.S.

INTRODUÇÃO

Se alguma coisa permanece do antigo Seminário para Missionários Apostólicos Franciscanos de N.ª Sr.ª dos Anjos, de Brancanes, para alem do seu enquadramento paisagístico, no alto do morro arborizado que parece dar as boas vindas a quem chega a Setúbal pela estrada n.º 10, são sem dúvida os paineis de azulejos que, apesar de degradados, ainda impressionam agradavelmente quem os comtempla.

Pouco resta da primitiva arquitectura. Em 1807 sofreu a ocupação pelas tropas napoleónicas que no Convento de Brancanes instalaram o seu Hospital Militar. Em Julho de 1833, aqui passou o exército liberal. Mas as mais marcantes alterações sobrevieram sobretudo após a Revolução de 5 de Outubro, não só pelas destruições então praticadas, como, principalmente, pelas sucessivas transformações que foi sofrendo com a adaptação a quartel, primeiro o Grupo Independente de Artilharia de Costa e em último lugar o actual B.S.S., com diversas outras forças militares de permeio. Para uma tentativa de datação dos painéis em causa, julgo importante resumir a história do primitivo Seminário.

Por especial empenho de Frei António das Chagas e com o patrocínio de D. Pedro II, foi lançada a primeira pedra do Seminário para Missionários Apostólicos de Brancanes no dia 27 de Junho de 1682. A construção, dirigida por Pedro da Silva Dodarte, sofreu certamente com o falecimento de Frei António das Chagas menos de quatro meses depois, a 20 de Outubro de 1682.

Sabe-se que D. Pedro II promoveu a construção, financiando-a em cerca de 60 000 cruzados, sendo o restante obtido por dádivas, como a do Bispo

da Guarda, que contribuiu com 200 mil reis, e pelas esmolas de sal que davam os donos das marinhas.

Cerca de 14 anos depois do lançamento da primeira pedra, foi inaugurada a Igreja, no dia 18 de Dezembro de 1696, com a assistência de D. Pedro II.

Com o falecimento deste monarca, a 1 de Dezembro de 1706, a obra é quase de todo abandonada, por desinteresse dos padres do Varatojo, que não desejavam a transferência, de Torres Vedras para Setúbal.

Em 22 de Junho de 1711, D. João V visita Brancanes e ouve do primeiro guardião, Frei Manuel Mação, as seguintes palavras: «Contra vós, pientíssimo Rei, clamam talvez hoje essas pedras que aí vedes, no Supremo Tribunal Divino, porque elas foram erguidas pela magnanimidade de vosso pai, em serviço de Deus e satisfação à-vontade do venerável Frei António das Chagas. E agora que se espera?! Espera-se que as entreguemos a estranhos, contra o voto do vosso sereníssimo pai e contra o daquele venerável padre!»— que o decidem, depois de ouvidos os seus conselheiros, a pôr o Convento sob a sua protecção e manda continuar a obra.

Dadas as dificuldades financeiras com que os construtores se depararam, imagino que, à data da inauguração da Igreja, ainda o Convento levaria atrazada a sua construção, não se fazendo ideia do adiantado da obra por altura do falecimento de D. Pedro II, nem de quando foi finalmente dada por concluida, presumindo-se, todavia, que o terramoto de 1 de Novembro de 1755 o encontrasse terminado, uma vez que, tendo sido poupado, alojou então, provisoriamente, a Câmara Municipal de Setúbal, que fora destruída.

No que parece não haver dúvidas é nas características joaninas dos painéis que iremos descrever, o que leva a crer na sua fabricação e aplicação nos locais a que foram destinados, entre os anos de 1711 e 1755.

Dos vários núcleos existentes, parecem-nos mais antigos os azulejos da Capela de N.ª Sr.ª da Guia, o que constitui de certo modo um mistério, considerando que esta foi arrombada e incendiada no dia 4 de Outubro de 1910 e reconstruída pelo Ten.- cor. Oliveira Leite, em data desconhecida. Estamos em crer que os painéis desta Capela — pelo menos os que se conservam — resistiram às agressões então praticadas e que a Capela, se não mais antiga que o próprio Convento, terá sido o local escolhido para aplicação dos primeiros revestimentos cerâmicos destinados a Brancanes.

No sentido oposto, cremos que o mais moderno painel é o da soterrada Fonte de S. João Baptista — que, aliás, só podemos apreciar através da documentação fotográfica existente. Por esta, nos parece que o painel em causa, de características barroco-tardias, é de uma época já pós-terramoto, provavelmente dos finais do século.

Além dos referidos, existem em Brancanes vários outros painéis que agrupáramos, por comodidade de descrição, nos seguintes grupos:

I — Capela de N.ª Sr.ª da Guia
II — Átrio da Igreja, actual Capela do B.S.S.
III — Jardim e Portaria
IV — Claustro
V — Terraço
VI — Fonte de S. João Baptista

I

CAPELA DE N.ª SR.ª DA GUIA

A quem sai de Setúbal pela estrada n.º 10, esta pequena Capela fica bem visível, à esquerda, como que incrustada numa concavidade da cerca conventual dando a impressão de que, ao construir a cerca, lhe deram este arranjo, a modo de quem pretende dar um abraço. Esta é a mais forte das razões que me leva a crer ser esta Capela anterior à construção do Convento.

As minhas buscas na Biblioteca Municipal de Setúbal não me permitiram, nem ao de leve, averiguar das origens da sua construção e do seu culto. Valeram, todavia, por me terem proporcionado a leitura de dois raros exemplares dactilografados (um deles, ao que parece, único) e dos quais consegui respigar alguns aspectos da história de Brancanes.

Dada a raridade destes textos, aqui transcrevo o que me pareceu mais interessante.

Um intitula-se «Anotações ao Livro Memórias sobre a História e Administração do Município de Setúbal»; é da autoria de Luiz Silveira, tem a data de 1942 e o n.º de registo 15 188 da Biblioteca Municipal de Setúbal. Colado na guarda da frente, o apontamento: «Exemplar único. O texto original foi inutilizado por ilegível».

Na pág. 47 deste respeitável exemplar inicia-se o capítulo «Igreja e Convento de Brancanes» em que se faz o relato dos dramáticos acontecimentos ali vividos na noite revolucionária de 5 de Outubro. Deste relato, bem colorido, transcrevo o que diz respeito aos sinos da Igreja de N.ª Sr.ª dos Anjos:

«... os vândalos respeitaram, na pilhagem, os sinos que formavam o carrilhão da Igreja, em número de 13. Esses sinos andaram ao desbarato, alguns

de paradeiro desconhecido, outros a bom recato em lugares de garantia. Foi o mestre Ângelo Lambertini que em trabalho de investigação cuidadosa os conseguiu reunir, entregando-os à guarda do Conservatório Nacional.»

«Em 1935 esses sinos voltaram para Setúbal, sendo colocados nas torres da Igreja de Santa Maria da Graça, onde se fizeram ouvir pela primeira vez no ano seguinte.»

Pelo menos quanto ao carrilhão, ficamos a saber que se não perdeu graças ao zelo de um cidadão ilustre.

O outro texto tem o título: «Setúbal na Segunda Metade do Século XIX — através das minhas recordações». Foi escrito por Arronches Junqueiro, tem a data de 1936 e diz ser «cópia fiel do autógrafo original» mandada executar por Luiz Silveira, amigo do autor, conforme este mesmo informa na dedicatória autógrafa do exemplar dactilografado (n.º de ordem 15 163 da Biblioteca Municipal de Setúbal).

Porque faz uma breve referência à Capela de N.ª Sr.ª da Guia e porque revela aspectos ainda mal conhecidos da história do Convento de Brancanes, transcrevo na íntegra, como apêndice a este trabalho, o capítulo intitulado «Brancanes — a Fonte do Lagarto».

A única obra em que achei alguns — bem modestos — dados sobre a Capela que nos ocupa foi a intitulada «Estremadura: Boletim da Junta de Província» que no seu número triplo XLVII — XLVIII — XLIX da 2.ª Série, de Janeiro-Dezembro de 1958, no capítulo «O Santoral de Setúbal», diz, na pág.ª 86 de «O Culto de N.ª Sr.ª»:

«N.ª Sr.ª da Guia — Na capela da sua invocação, em Brancanes, a 15 de Agosto, para marnoteiros ou trabalhadores do sal, de que era padroeira. Extinta em 1892.

Resignados a ficar por aqui no que diz respeito ao passado, vejamos como se encontra a Capela na actualidade.

A fachada singela (quadrado a que se sobrepõe o hemi-ciclo que corresponde à abóbada, de porta central ladeada de estreitas frestas e sobreposta por pequeno óculo, branca, avivada a azul nos cunhais e no contorno da cornija, ostentando ao centro a cruz, sobre pedestal, ambos brancos) é um dos motivos de deslumbramento para quem lhe descobre o que resta da riqueza interior.

De planta quadrada e de altar único formando nicho ao fundo, encontra-se, a meia altura, dividida por largo lambril de estuque pintado de verde forte. Este lambril constitui a fronteira entre o que está acima e se conserva

quase intacto e o que, por mais acessível, sofreu certamente sucessivas mutilações.

A abódada, de berço, encontra-se completamente revestida de azulejos de figura avulsa, relativamente bem conservados, formando uma superfície de 16,5x14 azulejos de primoroso desenho, em que predominam as flores, mas em que se observam algumas aves e até um barco, intercalados ao acaso (figs. 1 e 2). Do lado esquerdo, este conjunto é rematado por uma fiada de azulejos cortados a meia largura, para completar o espaço que separa este revestimento da abóbada das séries de albarradas, separadas por palmitos, que lhe servem, de ambos os lados, de «arranque» a partir do lambril. Assim, sobre este (e logo acima do lado inferior da cercadura de volutas encaracoladas ora à esquerda ora à direita que envolve toda a composição da abóbada) observam-se três albarradas de 3x4 azulejos, separadas por palmitos de quatro azulejos em altura. Por necessidade de completamento do espaço limitado pela cercadura, esta continuidade de palmitos-albarradas é rematada, do lado da porta da Capela, por uma fiada de azulejos de figura avulsa, de motivo floral idêntico aos da abóbada, mas curiosamente sem o desenho «de estrelas» aos cantos (fig. 3).

As albarradas, formadas por conjunto floral disposto em cesto colocado em pedestal baixo, parecendo simétricas, revelam já uma tendência para a assimetria, quer num ou noutro pormenor do conjunto floral da mesma albarrada, quer de uma albarrada para a que lhe fica contígua (fig. 4). São exemplo os azulejos que, no pedestal das albarradas, ostentam o mesmo ramo de três folhas ora à direita ora à esquerda, tal como acontece ao ramo semelhante que pende dos cestos.

O altar é constituído por um nicho profundo formado por sucessivos pilares e respectivos arcos, estucados, com alguma ornamentação relevada e pintada a azul, nos capitéis e no arco central, e contornado por meias colunas torsas e respectivo arco, pintados na cor do lambril. Todos os arcos são interrompidos ao centro por uma espécie de chave procidente que ostenta no topo uma estrela de quatro pontas, relevada, pintada de azul.

Este conjunto é envolvido, acima do lambril, por um arco perfeito, forrado, na superfície frontal, por três fiadas de azulejos e por outra fiada no intradorso.

A decoração deste arco é notável: a meio, à largura de cinco azulejos, desenha-se corôa imperial sobrepojada por pequena cruz e apoiada por dois

anjos esvoaçantes que sustentam também grinaldas de flores, apanhadas em baixo por outros dois anjos que por sua vez suspendem, pelo lado exterior, cada um sua cartela. Na da esquerda, sob estrela de oito pontas, lê-se: «STESLA MARIS» (sic); no da direita, sob estrela idêntica: «GUIA» (fig. 5 e 6).

O intradorso é revestido por uma fiada de azulejos com motivos florais, ao estilo das grinaldas sustentadas pelos anjos.

Abaixo do lambril começa o descalabro, de que se salvam apenas (e mesmo assim com pequenas mutilações) a decoração da parede da direita e o painel que decora a pequena porta lateral esquerda, formando-lhe como que «bandeira». Do lado do altar, desapareceu por completo o revestimento cerâmico que decorava o falso pilar da direita, mantendo-se, embora com algumas desvirtuações, o do lado esquerdo.

Neste lado, a três azulejos de largura, como no arco, e a doze de altura, o desenho representa, ao alto, uma carranca sob concha ladeada por duas rosáceas e de cuja boca parece nascer uma grinalda de flores e frutos, colhida em baixo por um menino, colocado em pedestal. Nesta superfície, quatro azulejos que desenhariam as pernas do menino foram substituídos por três azulejos com desenho de caracol das cercaduras e por um que parece do pilar do outro lado ou de outro tipo de cercadura. O lado interno deste falso pilar é decorado por uma única fila de oito azulejos com desenhos idênticos aos dos que forram o intradorso do arco (fig. 7).

Na parede do lado direito, está relativamente bem conservado o conjunto de três albarradas envolvidas por volutas e golfinhos e respectiva cercadura, do mesmo desenho de caracóis já descrito.

Cada albarrada e respectivo envolvimento forma um conjunto de 5x6 azulejos, desta vez de desenho simétrico, o que presupõe um barroco mais precoce (fig. 8). As ligeiras assimetrias que se observam provêem essencialmente do jogo de claro-escuro dos motivos ornamentais, sobretudo das volutas e de um ou outro pormenor do desenho floral.

Apenas quatro azulejos se perderam deste conjunto, dois da cercadura e dois do golfinho contíguo.

O painel que está colocado sobre a pequena (e aparentemente inútil) porta lateral, à esquerda, é formado por um conjunto de «quase» 3x6 azulejos de figura avulsa, apenas com motivos florais, sem «estrelinha» nos cantos. O «quase» diz respeito a uma pequena fragmentação de cerca de 1/4 da superfície dos azulejos mais afastados do altar, por exigência de ajustamento. Este

painel é envolvido por uma esquadria de azulejo único, de volutas esquerdas e direitas em caracol, alternando com pequenas reservas de quatro flores em losango em torno de círculo central. Os cantos são de dois tipos: ou voluta semi-circular ou de lírio estilizado. O canto inferior direito deste painel foi destruído, abrangendo três azulejos da moldura; também os dois azulejos de figura avulsa mais próximos se encontram muito deteriorados (fig. 9).

Na parede da esquerda, abaixo do lambril, pouco mais resta do que parte da cercadura, uma vez que se encontram incorporados na parte inferior desta muitos elementos estranhos. Da decoração original, restam oito azulejos junto ao canto superior direito, com parte do envolvimento de volutas e parte de um palmito, sobrevoado por cabeça alada (fig. 7).

No revestimento da parede interna da porta principal restam aproveitáveis cerca de doze azulejos de figura avulsa.

II

ÁTRIO DA IGREJA. ACTUAL CAPELA DO BSS

A actual Capela é o átrio da antiga Igreja de N.ª Sr.ª dos Anjos, cujo pórtico foi entaipado e substituido por uma porta falsa de madeira e cujo corpo foi dividido em dois pisos por uma placa de cimento para adaptação dos novos espaços a instalações do aquartelamento.

No lado esquerdo do átrio existiu uma Capela de N.ª Sr.ª da Piedade, contruída em 1744. Não se sabe que destino sofreu a sua imagem de cerâmica feita por um donato do Covento nem as grades de ferro que a separavam do átrio. No pavimento correspondente à entrada da referida Capela existe uma pedra tumular de mármore, cujo brazão e inscrição se conservam nítidos, e assinala a sepultura da Marqueza de Minas, falecida em 1 de Janeiro de 1747. Esta laje sepulcral encontra-se defendida por uma corrente de ferro.

Do lado direito era a Portaria do Covento que, ainda em 1910, tinha azulejos azuis e brancos representando os frades em várias actividades domésticas, mesmo as mais humildes. Em 1842 estes azulejos foram referidos pelo Príncipe Lichnowsky como a única coisa que em todo o edifício podia atrair de algum modo a atenção do visitante. Não sabemos que destino levaram.

Restam, neste antigo átrio, seis painéis de azulejos historiados, com cenas religiosas, dois do lado esquerdo, um de cada lado da antiga Capela de N.ª Sr.ª da Piedade; dois em frente, ladeando a falsa porta; e dois à direita, aos lados da ex-portaria. São constituídos por 9x18 azulejos, sobre rodapé de um azulejo tipo marmoreado.

Estão relativamente bem conservados, com excepção do da esquerda mais próximo da entrada, cujas figuras apresentam os rostos picados. Os painéis

da frente, provavelmente na sequência das obras de entaipamento do pórtico, foram descuidadamente reaplicados nas áreas contíguas a este, do que resultou a desvirtuação das molduras, numa largura de 4 azulejos no painel da direita e de 2 no da esquerda (fig. 10 e 11).

Mais inexplicavelmente, também a barra de remate destes painéis se encontra mutilada, talvez com a intenção infeliz de os igualar em altura aos painéis laterais, do que resultou a supressão de uma parte dos corpos dos anjos esvoaçantes e de quase todo o motivo central, de que apenas resta o desenho inferior das grinaldas.

Com excepção destas barras mutiladas — que imaginamos terem sido de desenho recortado — todos os painéis apresentam o mesmo desenvolvimento, curiosamente muito semelhante ao descrito por José Meco no seu trabalho «O Palácio da Mitra em Lisboa e os seus azulejos — II «publicado no n.º 13 da 2.ª Série da Revista Municipal (3.º trimestre de 1985): são idênticas as pilastras laterais, com suas volutas de acantos, folhagem, grinaldas, cabeças sobre cartelas, bem como os motivos ornamentais das barras inferiores e de remate, se bem que com disposição diferente: as barras inferiores dos painéis que apresento são — em prespectiva — relevadas do friso e constituídas por uma carranca central ladeada de voluta simétrica em S e de outro par de volutas, formando reserva com «bolas» sobrepostas a superfíces trapezoidais com desenho de gradeado; as barras de remate são formadas por uma cabeça central encimada por concha e ladeada por volutas em S semelhantes às da base mas mais oblíquas, das quais pendem grinaldas sustentadas por um par de anjos esvoaçantes. (Fig. 12, 13, 14 e 15)

A semelhança com os painéis descritos e apresentados fotograficamente no mencionado trabalho de José Meco continua a sentir-se no desenho e no claro-escuro dos motivos historiados centrais, quer das figuras humanas quer do arvoredo e paisagem de fundo e é ainda notória entre a composição seriada apresentada na pág. 26 daquela Revista e a da já descrita Capela de N.ª Sr.ª da Guia: quase igual o desenho das albarradas, dos palmitos e da barra.

Desta simples comparação — e deixando aos especialistas a eventual confirmação — atrevo-me a pôr a hipótese da mesma autoria para os painéis que acabo de apresentar: a parceria formada pelos artistas Bartolomeu Antunes (1688-1753) e o seu genro Nicolau de Freitas (1703-1765), cuja actividade coincide com a época em que os painéis de Brancanes terão sido concebidos e colocados.

III

JARDIM E PORTARIA

À direita da Capela encontra-se a Portaria que dá acesso a um terraço empedrado através do qual se chega à entrada principal do BSS que é a que conduz ao Claustro e à escadaria para o piso superior.

O jardim situa-se à frente desta fachada do edifício, ocupando um largo terraço suportado por muralha de alvenaria.

Do lado SW, no prolongamento da Portaria, ergue-se um paradão de recote barroco que ornamenta a nascente de água. Esta, depois de retida em depósito prismático, corre para uma bacia semi-circular por uma superfície de rocha natural que ocupa um nicho central a que se sobrepõe uma ornamentação de estuque quase toda encoberta por ramos de glicínia. Este nicho é ladeado por duas superfícies planas onde foram aplicados painéis de azulejos decorativos, formados por albarradas centrais, simétricas, de 3x4 azulejos, envolvidas por cercadura de volutas e ladeadas por meninos sobre pedestais erguendo cornucópias, iguais aos do Claustro. A cercadura que envolve as albarradas parte de uma cabeça alada que ocupa o centro superior, tendo aos lados duas volutas horizontais da extremidade das quais caem verticalmente outras duas, que separam as albarradas dos meninos.

Os painéis são envolvidos por uma moldura de azulejos de desenho único constituído por um enrolamento vegetal central — colocado alternadamente para a direita e para a esquerda — e por duas meias reservas polilobuladas contendo círculos a azul, desenho este cercado por dupla esquadria azul e branca. A moldura envolve igualmente um painel de 3x8 azulejos de padrão igual aos que se encontram noutros locais do jardim e no terraço do 2.º piso (fig. 16).

De ambos os lados desta decoração central, o paredão forma como que duas aletas recortadas à maneira barroca, encimadas por grande concha de estuque, pintada a azul, sob a qual se desdobra uma laçaria que envolve um medalhão sobreposto a duas palmas entrecruzadas. Todos estes elementos decorativos, assim como as barras envolventes, são de estuque pintado a azul que melhor destaca o relevo sobre o fundo branco do paredão.

Estas aletas abrigam bancadas de tijoleira com quatro espaldares delimitados por arcos contracurvados rematados por pinhas, também de estuque e pintadas de azul. As bancadas, uma das quais, a da direita, envolve, em segmento de círculo, uma mesa redonda de pedra, são sombreadas pela ramaria entrelaçada de velhas glicínias, formando caramanchões, o que transforma o local em aprazível sala de visitas do BSS.

Do lado interno das bancadas, alguns degraus, em dois curtos lances, conduzem ao depósito da mina.

Na face interna do parapeito que se situa ao centro dos bancos de pedra colocados ao meio da muralha SE, observam-se restos de um painel ornamental formado pela repetição em superfície de azulejos de desenho único, iguais aos dos painéis inferiores que ladeiam a fonte acima descrita, e envolvido por moldura de desenho idêntico à destes. (Fig. 17)

Exactamente no ponto oposto a este banco, aos lados de um lance de escada de seis degraus que conduz à entrada para o Claustro, observa-se ainda, do lado direito, um painel de azulejos deste mesmo padrão em razoável estado de conservação. Do painel do lado esquerdo resta apenas um pequeno fragmento da moldura. (Fig. 18)

As superfícies verticais dos cinco degraus mais baixos são ainda revestidas por azulejos colocados ao acaso, mas dos padrões já descritos, que poderão constituir pequena reserva para eventual restauro.

A esta mesma finalidade imagino que poderão servir alguns azulejos colocados nos espaldares dos dois bancos de pedra da Portaria, com o senão de se encontrarem quase todos em mau estado de conservação. (Fig. 19 e 20)

IV

CLAUSTRO

O Claustro, de planta quadrada, situado à direita do corpo da antiga Igreja, é de abóbada de aresta, sustentada por arcaria clássica de arcos perfeitos, em número de cinco por cada lado, apoiados em fortes pilares de secção quadrada.

O pavimento do Claustro é formado por grandes lajes, algumas com algarismos romanos.

As paredes, até uma altura de cerca de metro e meio, são ornamentadas com silhares de azulejos de composição seriada (colocados sobre rodapé de um azulejo, tipo marmoreado) que formam, entre as aberturas das portas, doze painéis de dimensões muito variáveis, abragendo de 1 a 24 motivos decorativos.

Também é diverso o respectivo estado de conservação, sendo no entanto em geral mau, com muitos azulejos fracturados e (ou) com falta de esmalte, verificando-se nalguns painéis intromissão de elementos estranhos, da mesma época ou mesmo de épocas diferentes. Nalguns locais observa-se a aplicação indevida de azulejos que, embora pertencentes aos motivos do silhar, foram aplicados desencontradamente.

O motivo decorativo central é formado por albarradas de 3x5 elementos, alternando com meninos colocados em pedestal alto, erguendo cornucópias de flores e frutos, e apresentados simetricamente. A decoração floral das albarradas é assimétrica, formando um conjunto de 3x3 azulejos diferentes, de primoroso desenho a claro-escuro. Os restantes azulejos da albarrada formam o corpo e o pé do vaso. (Fig. 21)

Este motivo central é envolvido por barra de dois azulejos, com caracóis de folhagem, de enrolamento alternadamente esquerdo e direito, formando aos cantos efeitos diversos. A teoria de caracois vegetalistas é envolvida por dupla esquadria de linhas paralelas.

Nalguns painéis houve necessidade de interpôr entre o desenho central e a barra uma fiada de azulejo branco, fracturado à largura conveniente.

Fracturados, com áreas desvidradas expondo matéria cerâmica friável, com adulterações de composição, estes silhares conseguem ainda transmitir ao Claustro dignidade e harmonia. Permita o seu estado de conservação o restauro que merecem, pelo menos nas áreas em que foram aplicados desencontradamente.

No lado Sul do Claustro, apesar do mau estado de conservação, a composição dos painéis conserva-se fiel. Paticularmente harmoniosa é a pequena composição central, de apenas uma albarrada.

No lado Poente, correspondente ao edifício da antiga Igreja, encontra-se a maior destas composições, com azulejos em razoável estado de conservação, mas com lamentáveis alterações na composição das albarradas em três áreas que coincidem com os fundos de capelas da antiga Igreja. Nestas superfícies são poucos os azulejos correctamente colocados; alguns apresentam o desenho floral das albarradas do Claustro, mas foram aplicados ao acaso; a maioria tem desenhos estranhos à decoração destes silhares, particularmente nos pés e asas dos vasos, curiosamente diferentes de quaisquer albarradas actualmente existentes (fig.s 22 e 23). Em duas destas áreas em que o desleixo reconstrutivo foi mestre, encontram-se ainda fragmentos de azulejos que parecem ter pertencido a painéis historiados, provavelmente «sobrantes» da mutilação dos painéis do átrio, já apresentados, e quem sabe se aproveitáveis no eventual restauro destes.

O lado Norte é o mais atingido pelo desgaste do tempo e pela incúria dos sucessivos ocupantes do Convento. Como se pode apreciar nas figuras 24 e 25, são raros os azulejos que ocupam os lugares respectivos e é vultosa a participação de elementos estranhos ao lugar e à época. Nota-se aqui o esforço de preencher o espaço de qualquer maneira; na falta de um azulejo qualquer, até à custa de minúsculos fragmentos.

Nesta parede Norte será impossível, com o material existente, fazer um perfeito restauro. Todavia, creio que muitas das peças que aqui sobrevivem poderiam ser utilizadas no restauro dos outros painéis do Claustro, ainda que neste lado Norte se tivessem de conceber composições diferentes, consoante as possibilidades do material disponível, até porque na parede do lado

Nascente são também inúmeras as intromissões de azulejos estranhos à decoração original.

Neste domínio, terão a palavra os técnicos. Assim eles se interessem, apareçam e « falem». Terá valido este meu incomparavelmente menor esforço para que a azulejaria setecentista de Brancanes readquira uma maior dignidade e, sobretudo, se não perca.

V

TERRAÇO

Este terraço, situado na fachada NW do edifício, é o mencionado por Oliveira Martins numa carta que escreveu ao seu amigo Henrique de Barros Gomes quando se instalou em Brancanes na esperança de se curar da tuberculose pulmunar que o vitimou:

...«Tenho um terraço sobre o vale de laranjais, com uma plateia de montes em frente: S. Luiz, Palmela e outros. Excede tudo, meu amigo»...

Os azulejos revestem as faces internas do parapeito e das bancadas de pedra que correm ao longo deste e da fachada do edifício, apenas interrompidas pelas portas de acesso. O revestimento cerâmico destas superfícies é constituído por duas filas de azulejos de desenho único, como se vé nas figuras 26 e 27. As superfícies revestidas dos bancos são separadas do pavimento de tijoleira por um rodapé de cerâmica grosseira e, na parte mais elevada, rematada por friso.

VI

FONTE DE S. JOÃO BAPTISTA

Num dos desníveis da cêrca do Convento erguia-se a Fonte de S. João Baptista, que escoava para uma bacia trilobada a abundante água da mina de S. João. Este desnível foi há poucos anos aterrado, motivo porque o painel de azulejos existente sobre a bica se encontra actualmente soterrado a cerca de quatro metros do nível da parada.

Este grande painel — de que nos resta para apreciação a fotografia reproduzida na figura 28 — é constituído pela pintura central a azul e branco, representando o baptismo de Cristo, envolvida por moldura ao geito barroco tardio, a azul e amarelo, em composição muito semelhante à dos painéis da Igreja de S. Julião, bem próxima, e provavelmente do mesmo autor.

O desenho rococó da cercadura delimita, nos centros superior e inferior, duas cartelas com as seguintes inscrições respectivamente:

«Fons Sapientiae Verbum Dei
Eccles 15»
(A palavra de Deus é fonte da Sabedoria)
«Fons Ascedabat et Terreuralgans Superciciem Taerrae
Gen-26
(Nascia uma fonte que irrigava a superfície da Terra)

Infelizmente, não só a fonte já não corre à superfície do solo — mas sim oculta em profunda drenagem — como o painel já não refresca os olhos de quem ali procurava o refresco da garganta.

Ao que consta parcialmente mutilado por inadequada tentativa de remoção, este painel da segunda metade do séc. XVIII jaz sepultado sob muitos metros cúbicos de saibro e areão, ao que parece «protegido» por parede de alvenaria.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA CARVALHO — *«Acontecimentos, lendas e tradições da Região Setubalense»*, Vol. IV Conventos de Setúbal I Parte Edição da Junta Distrital de Setúbal 1970.

ARRONCHES JUNQUEIRO — *«Setúbal na Segunda Metade do Século XIX – Através das minhas recordações»*, Setúbal 1936 Obra dactilografada por iniciativa de Luiz Silveira *«cópia fiel do autógrafo original»* segundo dedicatória autógrafa do autor no exemplar da Biblioteca Municipal de Setúbal onde tem o n.º de ordem 15163.

ESTREMADURA — *Boletim da Junta de Província* – Janeiro/Dezembro 1958 Série II n.ºˢ XLVII-XLVIII-XLIX.

FERREIRA RIBEIRO, (Carlos) — *«O Batalhão do Serviço de Saúde e o seu Quartel de Brancanes»* – Separata da Revista Portuguesa de Medicina Militar – Vol. 29 n.º 1. Lisboa 1981.

OLIVEIRA MARTINS — *«O Principe Perfeito»* – 4.ª edição 1933. Parceria António Maria Pereira. Livraria Editora.

PIMENTEL, (Alberto) — *«Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal»* – Lisboa, 1874.

PINHO LEAL — *«Portugal Antigo e Moderno»* – Vol.ˢ 1.º e 9.º

SILVEIRA, (Luiz) — *«Anotações ao Livro «Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal»* – (Subsídio para a História de Setúbal). Setúbal, 1942
Segundo nota dactilografada apensa ao exemplar (n.º 15188 da Biblioteca Municipal de Setúbal) este é único, tendo o texto original sido inutilizado, por ilegível.
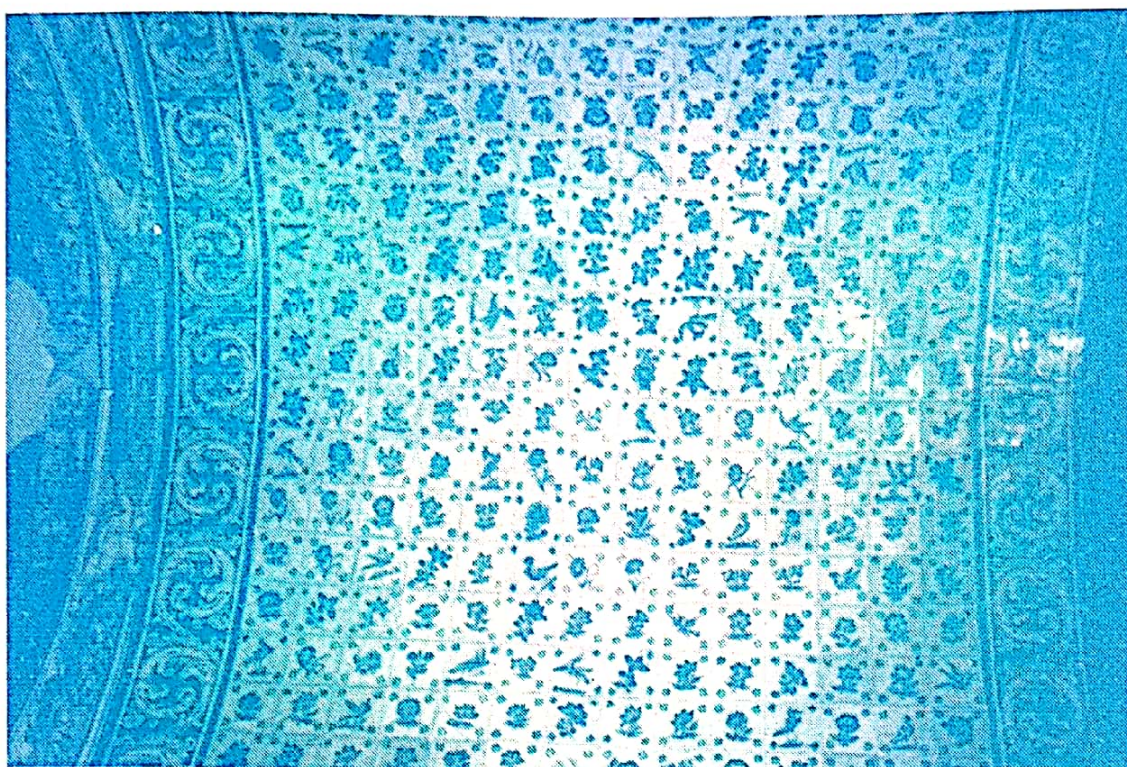
Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6
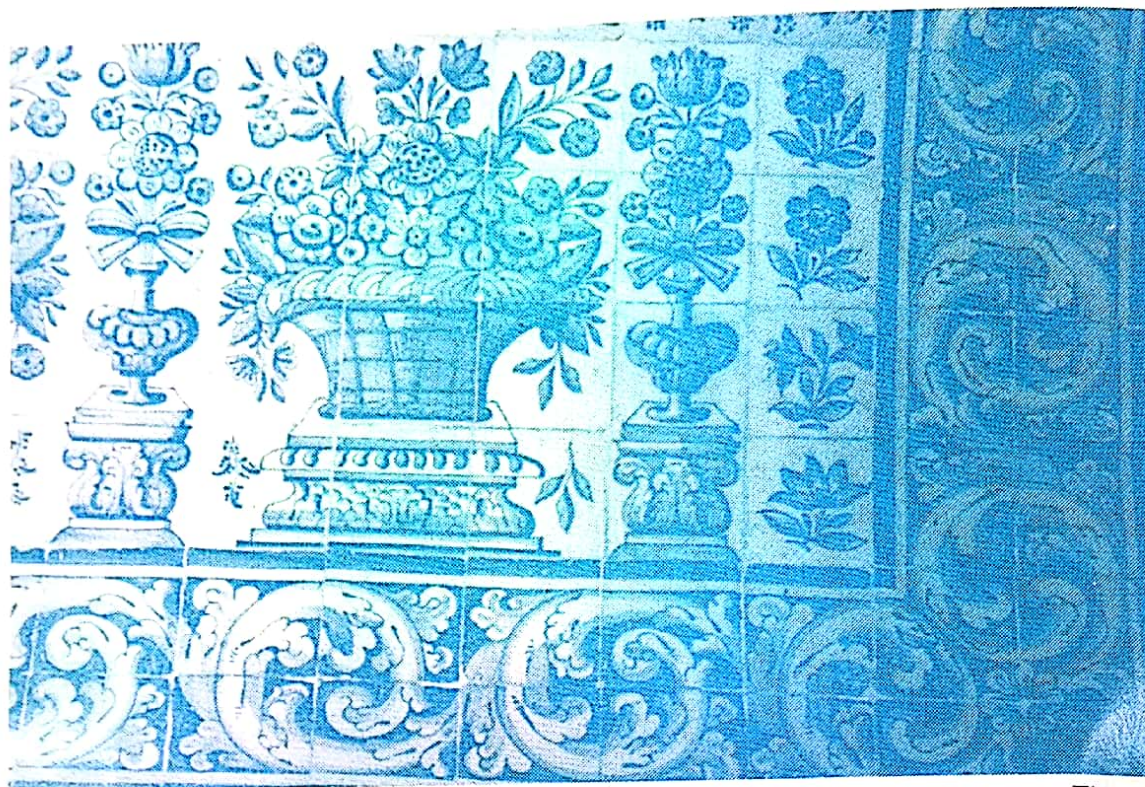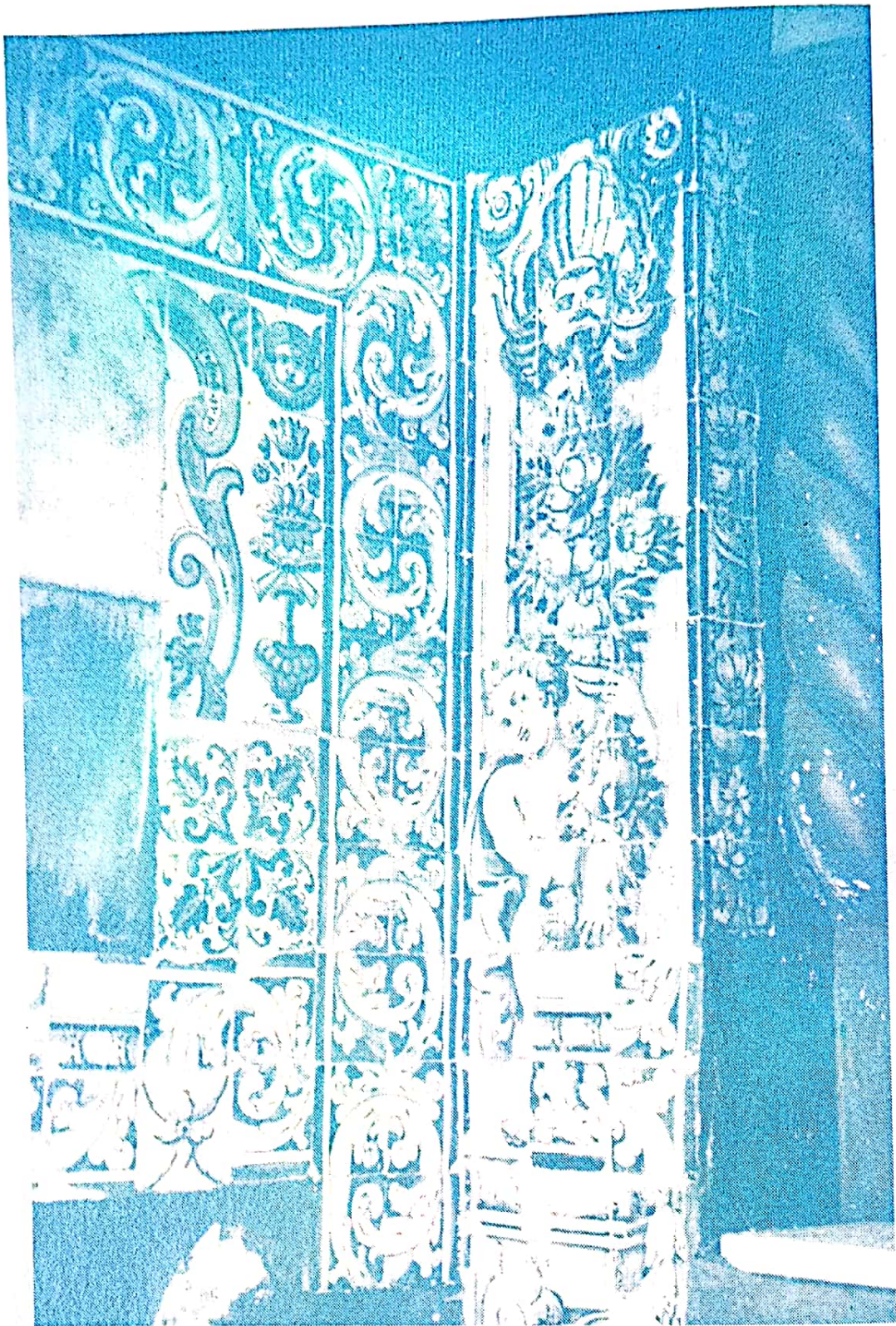
Fig. 7
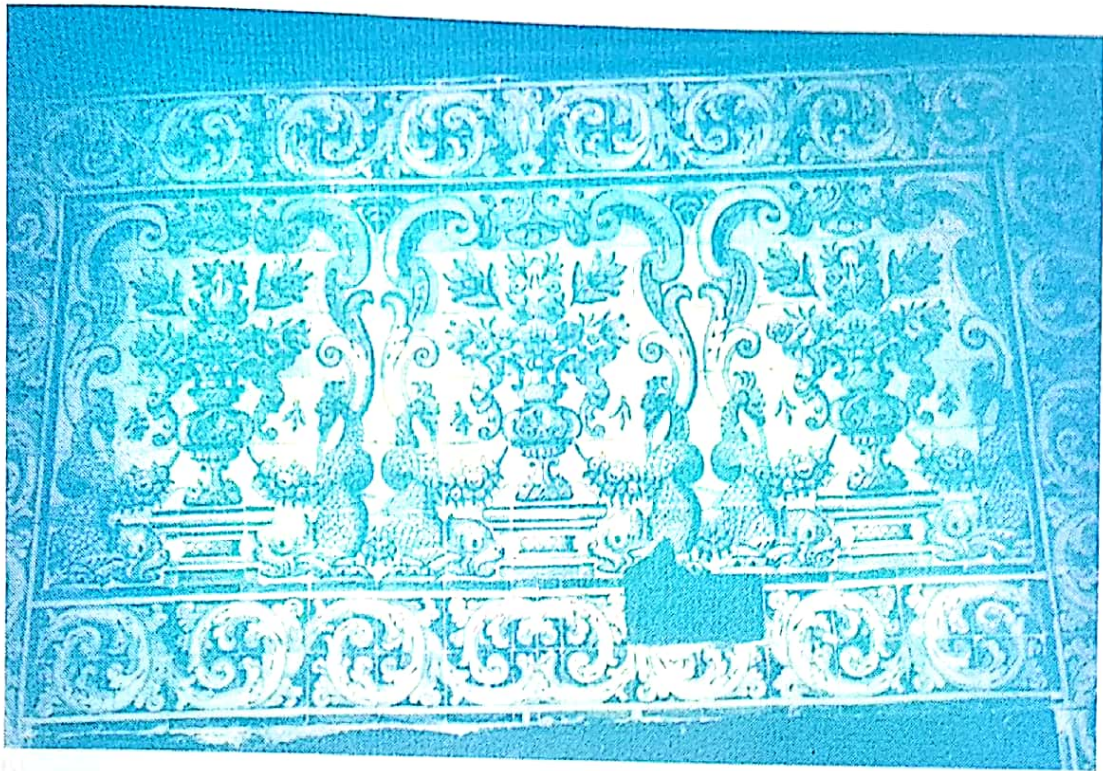
Fig. 8
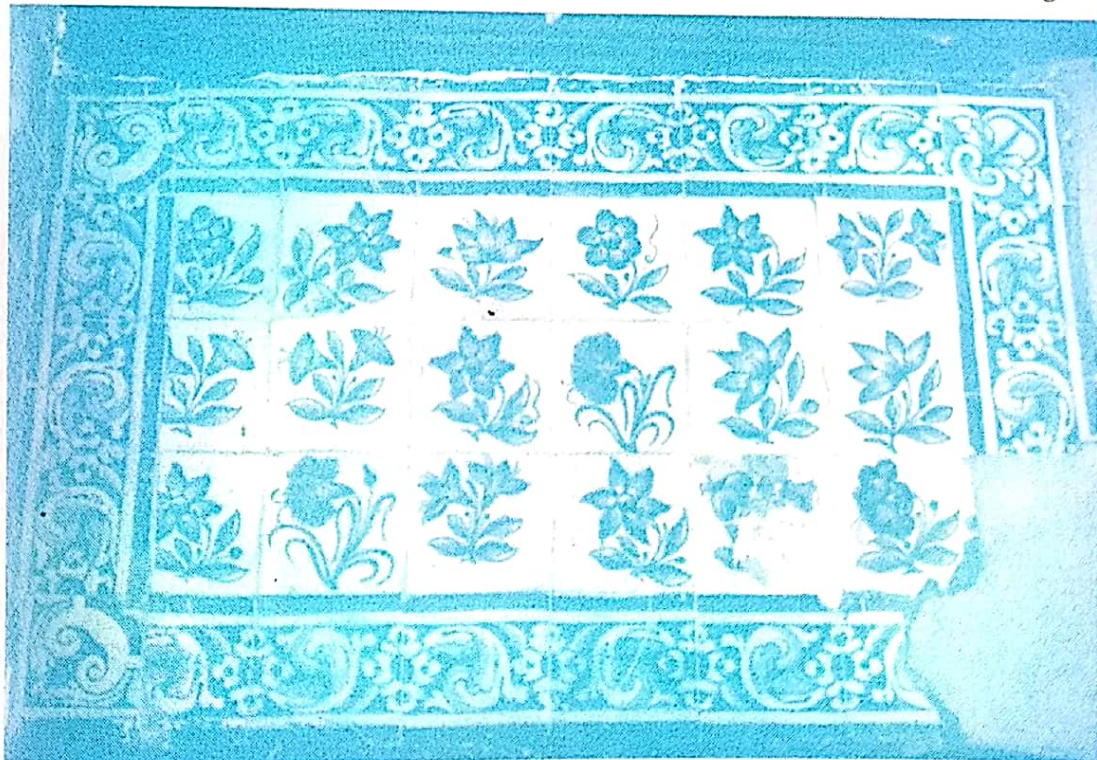
Fig. 9

Fig. 10
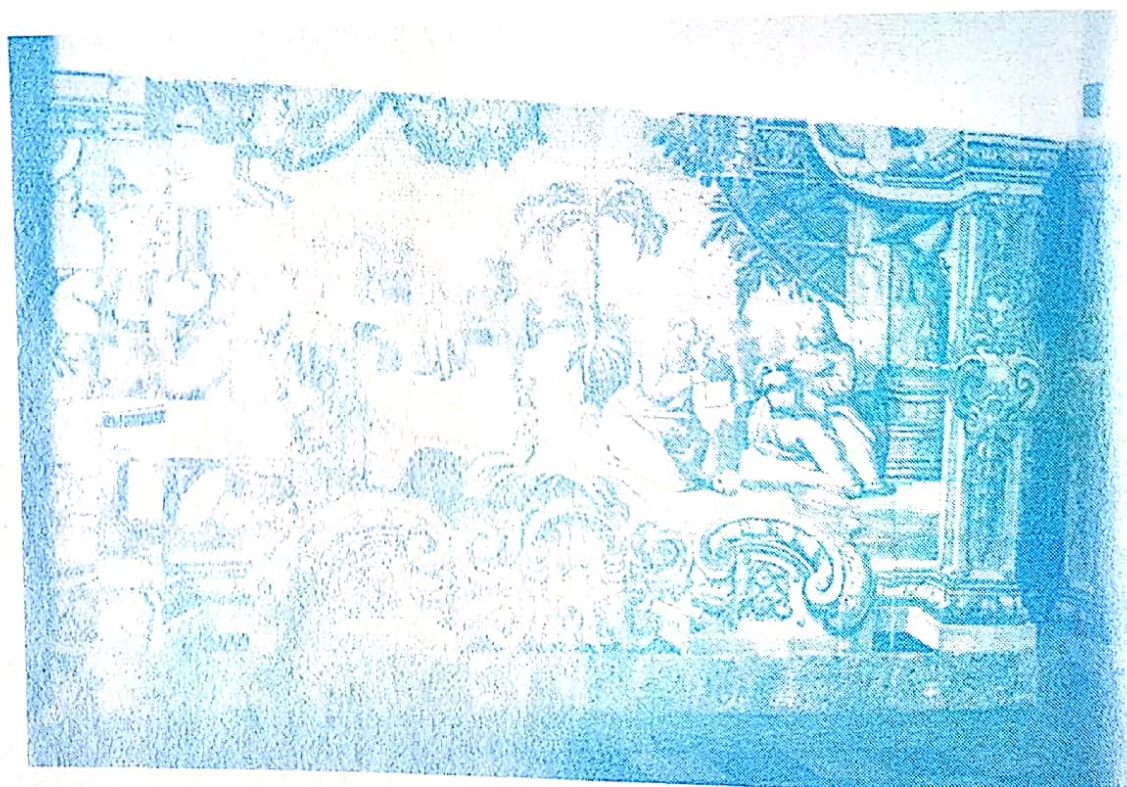
Fig. 11
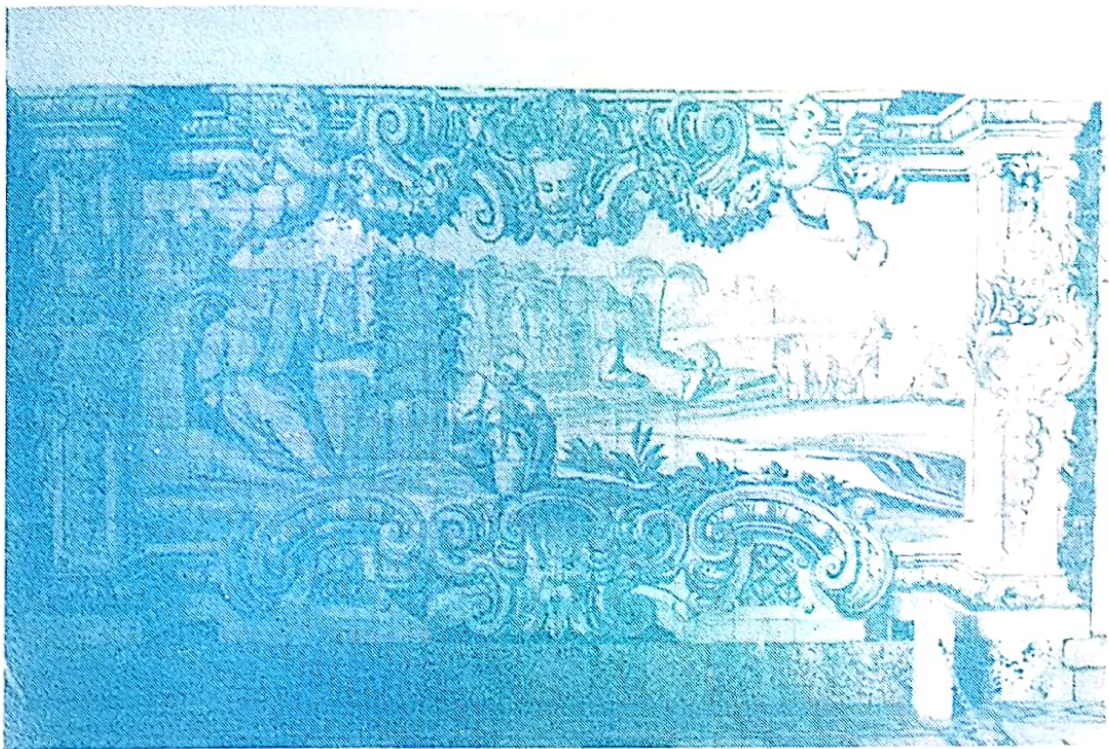
Fig. 12
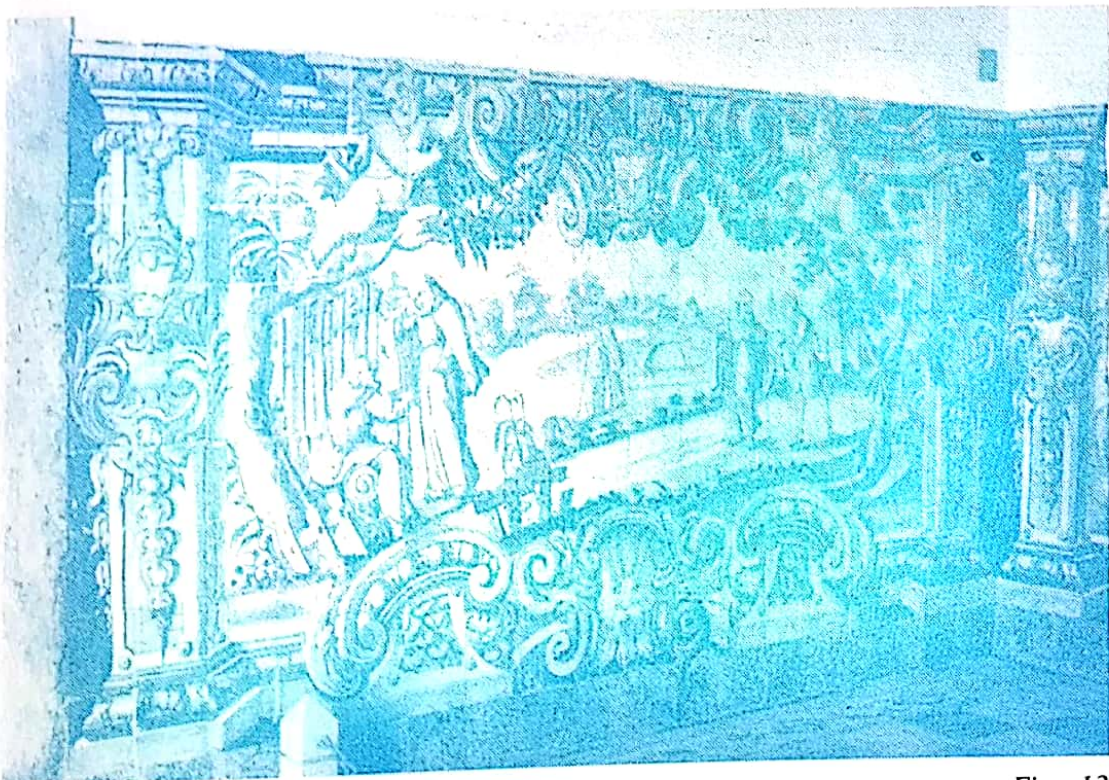
Fig. 13
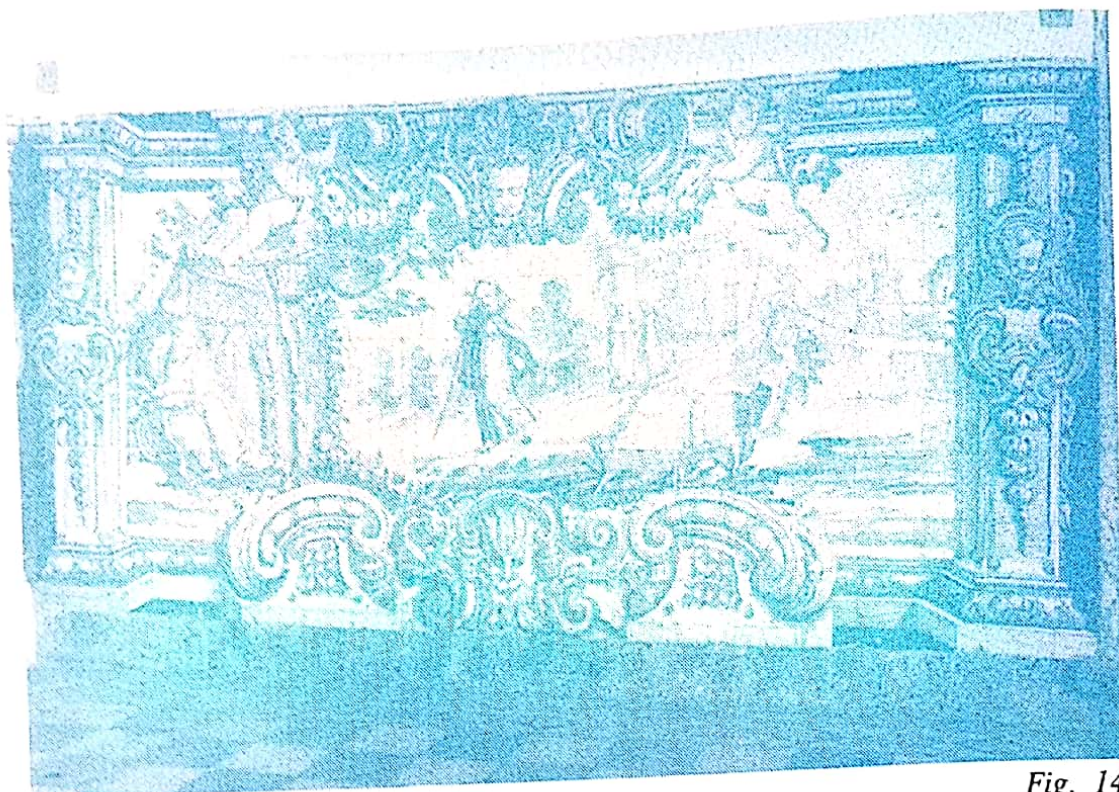
Fig. 14
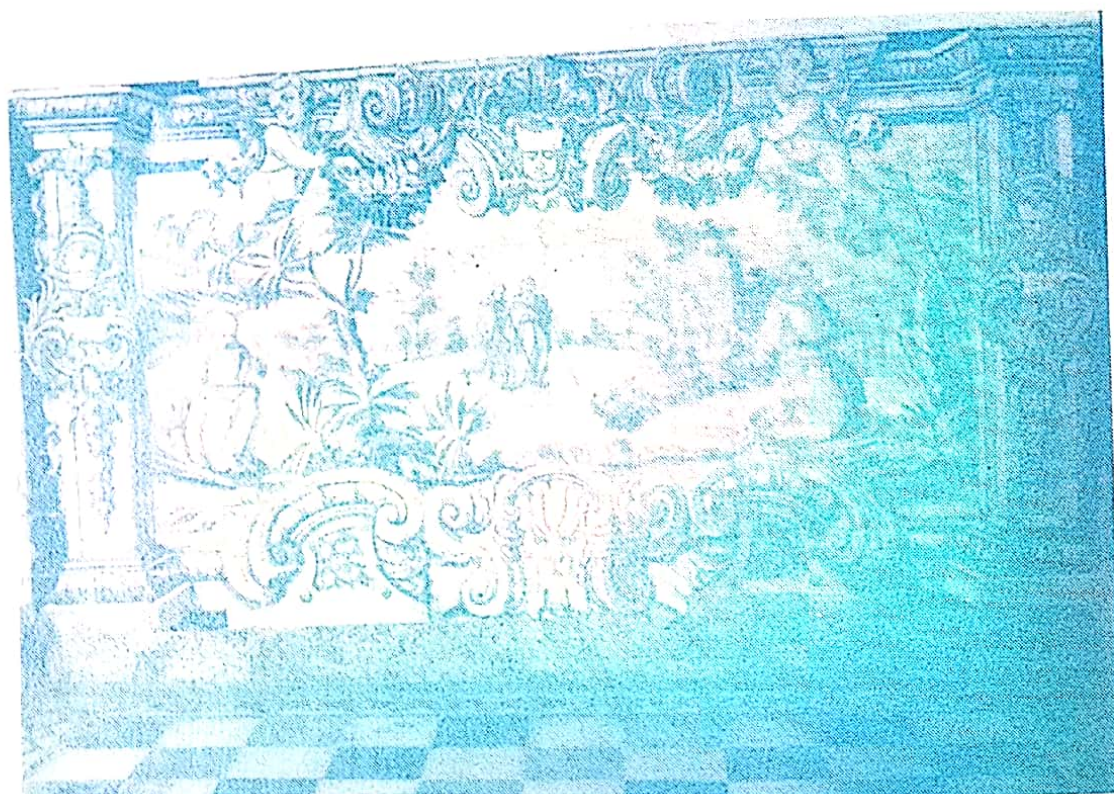
Fig. 15
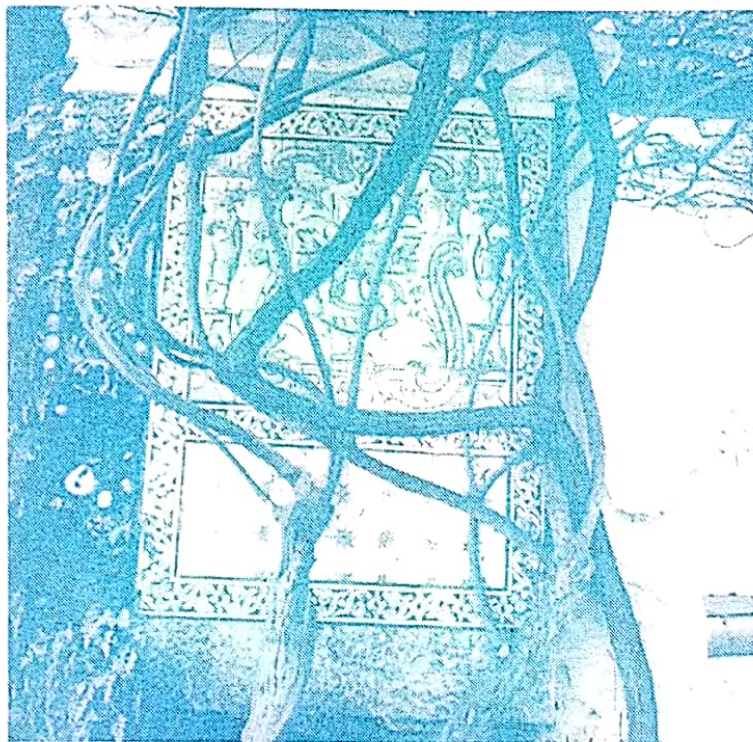
Fig. 16
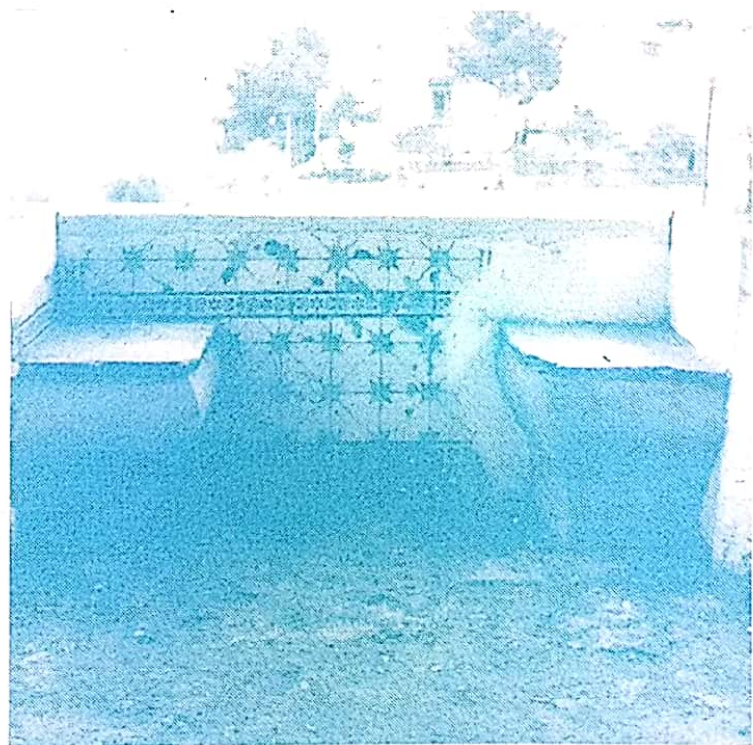
Fig. 17

Fig. 18
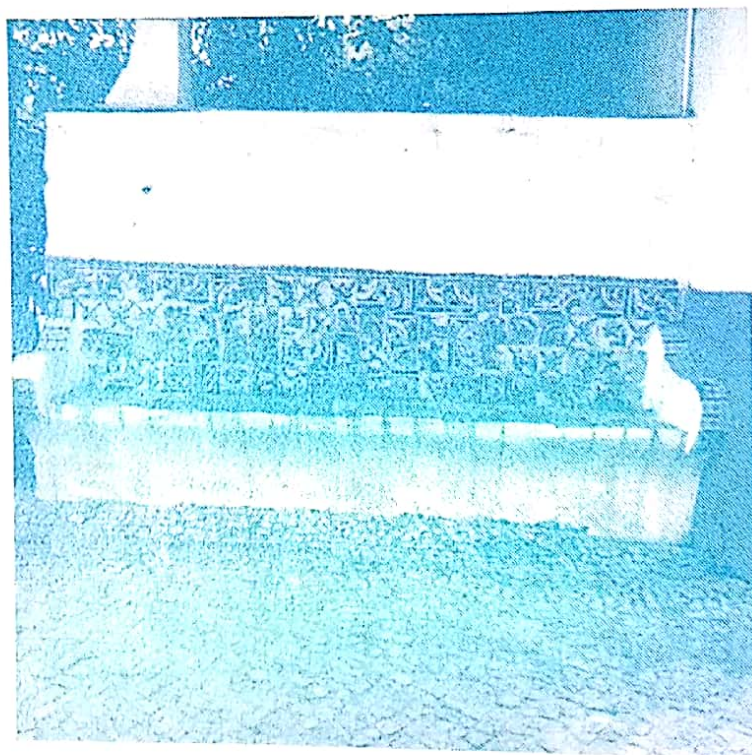
Fig. 19
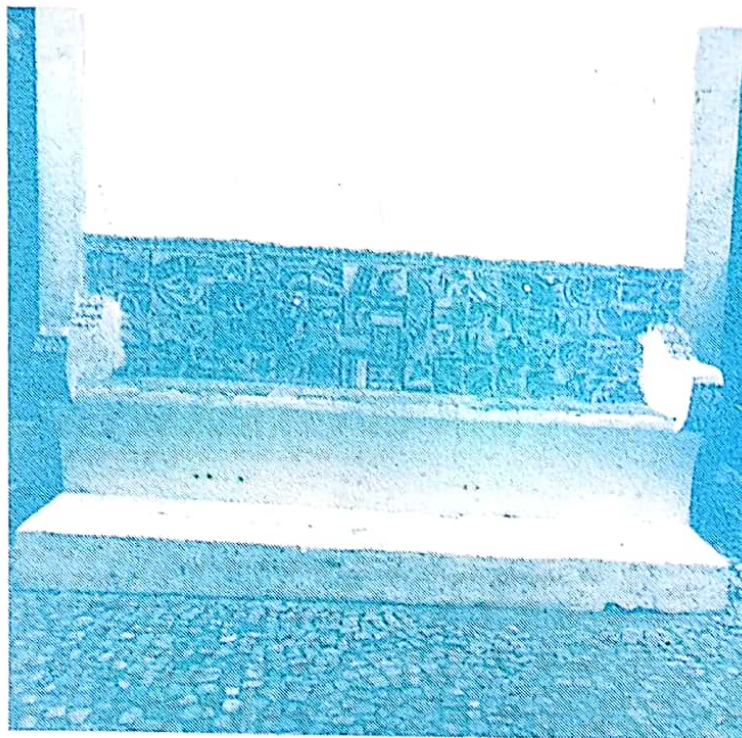
Fig. 20
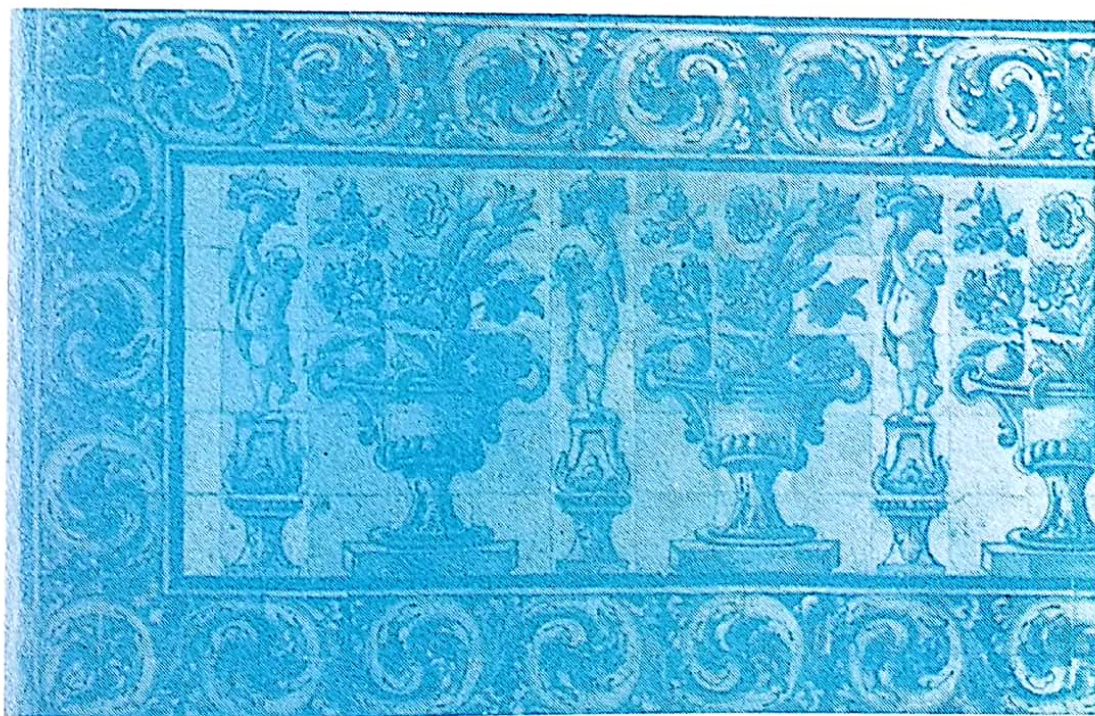
Fig. 21

Fig. 22

Fig. 23
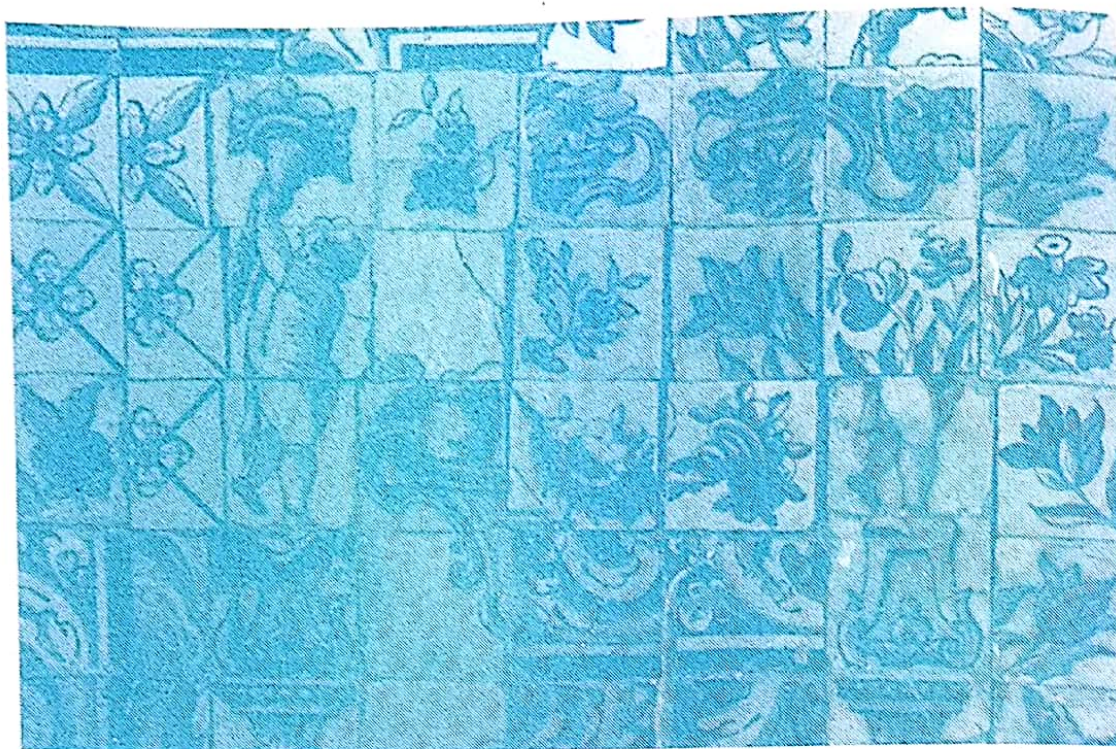
Fig. 24
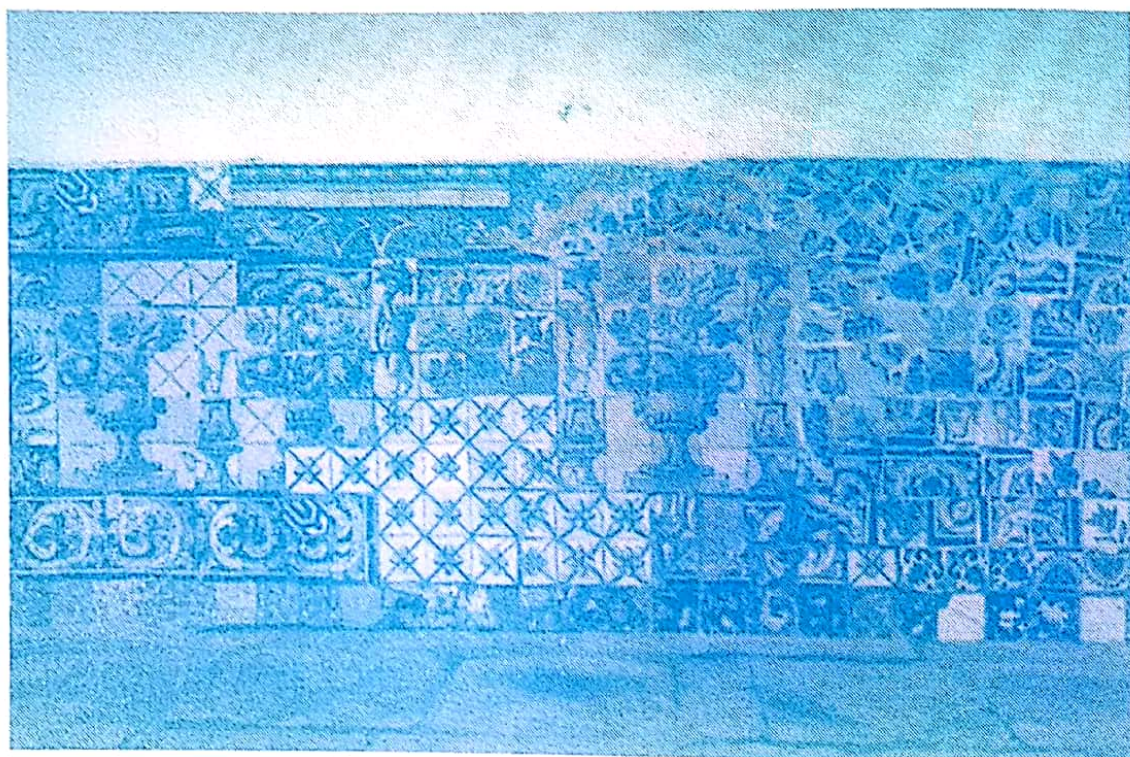
Fig. 25

Fig. 26
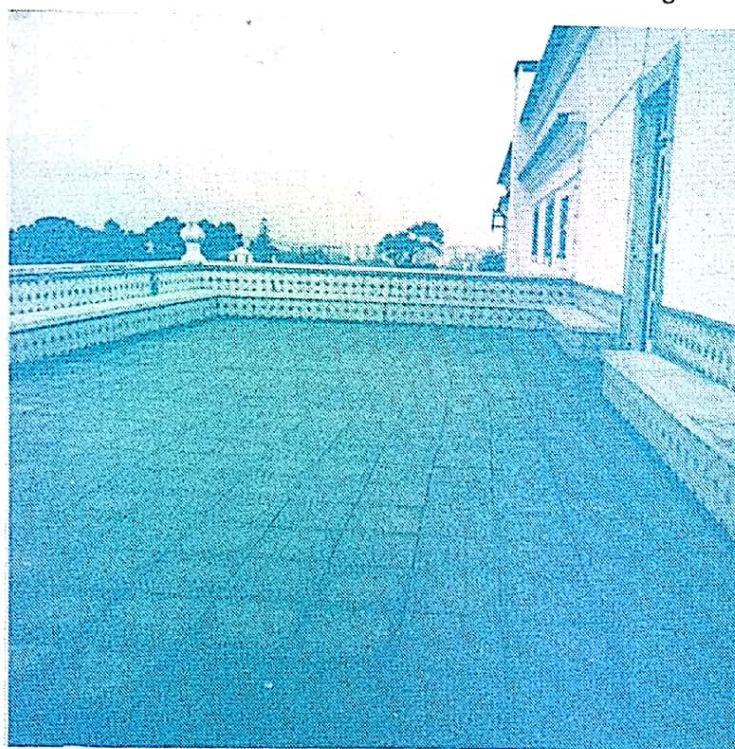
Fig. 27

Fig. 28

SETÚBAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX — ATRAVÉS DAS MINHAS RECORDAÇÕES — por ARRONCHES JUNQUEIRO SETÚBAL 1936

Obra dactilografada, «cópia fiel do autógrafo original» segundo dedicatória autografa do autor, mandada executar por seu amigo LUIZ SILVEIRA

N.º de ordem 15163 da Biblioteca Municipal de Setúbal

BRANCANES — A FONTE DO LAGARTO

Subindo a pitoresca vereda que conduz à Igreja e Convento de Brancanes, chega-se a um largo semi-circular, limitado por um pequeno muro, que o separa de uma abrupta ravina, arborizada onde lá em baixo existe uma capelinha (1) [em nota de rodapé, Capela da Senhora da Guia]

«No largo, ao centro do muro, eleva-se um delicado cruzeiro em marmore da Arrabida. D'ahi partia uma larga alameda que seguia até à escadaria da Igreja, povoada por duas filas de lindas olaias de grande porte e formusura.

«Era relativamente solene esta alameda, quando as olais estavam em flor. No muro que limitava a explêndida mata, e já próximo do adro da Igreja, existiu, até 1885, uma fonte que o povo apelidava «Fonte do Lagarto» ou «do peixe» por causa do ornato da bica.

«Era esta fonte circunscrita por um baixo muro revestido de tijolo que servia de assento aos visitantes. O pavimento rectangular, quase quadrado, era calçado com pequenos seixos rolados, tal como se usava nos pateos das casas de Setúbal, no século XVIII e princípios do XIX.

«A água, que tinha a nascente na mata, corria de uma bica vulgar, de bronze, chumbada na boca de um golfinho, de mármore, cuja cabeça saia do muro que servia de fundo à fonte.

«Um pedreiro *habilidoso* entendeu acrescentar a essa cabeça um corpo de peixe com barbatanas, pintado de verde, que pelo exotismo da execução deu origem a divergências na denominação da fonte, teimando uns que era peixe e outros que era lagarto.

«Uma velha pimenteira cobria toda a fonte, com a sua folhagem pendente matizada de cachinhos vermelho-coral, o que tornava esse recinto tão agradável que atraía não só o povo como os mais cultos espíritos da segunda metade do Século XIX, que deixaram escritos na parede inúmeros versos e assinaturas, que o tempo ia a pouco e pouco apagando como se iam também apagando os seus autores, reunidos na morte.

«Entre muitas quadras que li, ainda creança, naquela parede da fonte, uma conservei na minha memória e que relembro sempre que de Brancanes se fala. Assinava-se J. A. P. (José António Pinto), pai do meu prezado amigo João José Pinto.

«Rezava assim:

— De dúvidas trago um feixe
— Quando da Fonte me aparto
— Será lagarto este peixe?
— Será peixe este lagarto?»